

ARTIGO

Sobre a produtividade morfológica dos sufixos *-ção* e *-mento*: uma perspectiva diacrônica

On the morphological productivity of the suffixes *-ção* and *-mento*: a diachronic perspective

Maria Luisa Freitas 

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

E-mail: luisa.freitas@ufpe.br

RESUMO: No presente trabalho, abordamos a questão da variação na produtividade morfológica dos nominalizadores *-ção* e *-mento* em uma perspectiva diacrônica, a partir de um estudo piloto acerca da datação das palavras contidas na versão eletrônica do dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*. Nossos resultados mostraram que até o século XV havia mais formas com o sufixo *-mento*. Contudo, essa tendência se inverte a partir do século XVI, havendo um aumento robusto das formas em *-ção*, com um pico de crescimento no século XIX. Argumentamos que esses resultados se alinham, de maneira interessante, com o estudo diacrônico de *corpora* de Tang e Nevins (2013). A hipótese que aventamos é que o aumento massivo do vocabulário da primeira conjugação teve uma implicação positiva no aumento de produtividade do sufixo *-ção*, uma vez que houve uma ampliação significativa no número de alvos/bases relevantes para aplicação desse processo morfológico. Considerando a arquitetura da gramática proposta pela Morfologia Distribuída, de Halle e Marantz (1993; 1994), e a noção de marcação, sugerimos uma interpretação teórica em termos de uma hierarquia de marcação para as classes temáticas verbais do PB que pode esclarecer a relação de preferência que atestamos entre classes temáticas e os nominalizadores em foco neste estudo, em consonância com os resultados encontrados por Freitas (2014).

PALAVRAS-CHAVE: produtividade morfológica; nominalizadores *-ção* e *-mento*; diacronia.

ABSTRACT: In the present work, we address the variation in the morphological productivity of the nominalizing suffixes *-ção* and *-mento* from a diachronic perspective, based on a pilot study on the dating of words contained in the electronic version of the *Houaiss Dictionary of the Portuguese*. Our results showed that until the 15th century there were more forms with the suffix *-mento*. However, this trend reversed from the 16th century onwards, with a robust increase in forms in *-ção*, with a growth peak in the 19th century. We argue that these results interestingly align with Tang and Nevins' (2013) diachronic corpora study. The hypothesis we defend is that the massive increase in the vocabulary of the first conjugation had a positive implication in the increase in productivity of the suffix *-ção*, since there was a significant increase in the number

COMO CITAR

FREITAS, Maria Luisa. Sobre a produtividade morfológica dos sufixos *-ção* e *-mento*: uma perspectiva diacrônica. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1943, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1943>



of targets/bases relevant to the application of this morphological process. Considering the grammar architecture proposed by Distributed Morphology by Halle and Marantz (1993; 1994) and the notion of markedness, we suggest a theoretical interpretation in terms of a hierarchy of markedness for the verbal thematic classes of BP that can clarify the preference relationship that we attest between thematic classes and nominalizing suffixes in focus in this study, in accordance with the results by Freitas (2014).

KEYWORDS: Morphological Productivity; Nominalizing suffixes *-ção* and *-mento*; Diachrony.

1 Introdução¹

Segundo Oiticica (1955), o sufixo *-ção* se origina do latim *-tione*, composto de *-ti*, sufixo de nomes verbais, acrescido do sufixo *-en* (*on*) que designa ação. O sufixo *-mento* é derivado da forma latina *-mentum* que formava substantivos neutros de ação, instrumento, serventia, etc. A forma plural *-menta* gerou alguns substantivos coletivos em português, como *ferramenta*, *vestimenta*, *tormenta*, etc. Sincronicamente, os sufixos *-ção* e *-mento* são descritos conjuntamente como sufixos nominalizadores mais produtivos do PB. Diversos trabalhos (Sandmann, 1988; Basilio, 1996, 2004; Maroneze, 2011) evidenciam, contudo, a existência de mais formas nominais formadas a partir do sufixo *-ção*. Basílio (1996) mostra, a partir de dados do projeto NURC (*Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro*), que de um total de 362 formas nominalizadas sufixais, há 218 (60,2%) ocorrências de *-ção*, um número três vezes maior do que as 73 (20,1%) ocorrências de *-mento*.

Os sufixos *-ção* e *-mento* formam nomes derivados a partir de verbos e de raízes categoriais e podem descrever (i) ações; (ii) resultados de um processo; (iii) estados (Santos, 2007). Embora esses sufixos tenham propriedades semânticas similares, sendo descritos como concorrentes (Sandmann, 1988; Rocha, 1999), podemos notar diferenças semânticas sutis (cf. Freitas, 2014, p. 88), como mostram os exemplos abaixo.

- (1) a. *A medicação dos pacientes demorou muito tempo.*
b. *?O medicamento dos pacientes demorou muito tempo.*

No caso das formas duplas, verificamos que os nomes formados por *-ção*, diferentemente dos nomes formados por *-mento*, facilitam/permitem uma leitura eventiva, selecionando argumentos como complementos.

Dito isso, no presente trabalho, abordaremos a questão da variação na produtividade morfológica dos nominalizadores *-ção* e *-mento* em uma perspectiva diacrônica, a partir de um estudo piloto acerca da datação das palavras contidas na versão eletrônica do dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*. Essa metodologia tem sido utilizada em diversos trabalhos (Bauer, 1983; Aronoff; Anshen; 1998, entre outros) como um mecanismo para se traçar, através do tempo, a produtividade de uma determinada forma linguística (Bauer, 2001; Aronoff;

¹ Os resultados aqui apresentados derivam da Tese de Doutorado da autora intitulada *Estudo experimental sobre os nominalizadores -ção e -mento: localidade, ciclicidade e produtividade*, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Lindsay, 2014). Os nossos resultados mostram uma variação diacrônica na produtividade desses nominalizadores: até o século XV, encontramos mais formas do sufixo *-mento*; contudo, a partir do século XVI, notamos um aumento robusto na produtividade do sufixo *-ção*, com um pico de crescimento no século XIX.

Com esses resultados, podemos estabelecer um paralelo com o estudo diacrônico de *corpora* conduzido por Tang e Nevins (2013). Os autores evidenciam que houve, em português (bem como em italiano e espanhol), um aumento do tamanho vocabulário verbal e da produtividade da primeira conjugação (em *-ar*), a partir do século XVI, com um pico de crescimento após a segunda metade do século XVIII. Considerando a relação de preferência atestada entre a conjugação em *-ar* e o sufixo *-ção* (cf. Freitas, 2014), argumentamos que o aumento de produtividade desta classe temática teve uma implicação positiva no aumento de produtividade desse sufixo nominalizador, uma vez que houve um crescimento robusto no número de alvos/bases relevantes para aplicação desse processo morfológico (Aronoff; Anshen; 1998).

Tendo em vista a arquitetura da gramática da Morfologia Distribuída (doravante MD cf. Halle; Marantz, 1993, 1994) e noção de marcação, propomos uma formalização em termos de uma hierarquia de marcação para as classes temáticas verbais do PB que pode esclarecer a relação de preferência que atestamos entre classes temáticas e os nominalizadores em foco neste estudo (cf. Freitas, 2024, no prelo): a classe verbal não marcada em *-ar* seleciona preferencialmente o sufixo não-marcado *-ção*; as classes verbais marcadas em *-er* e *-ir* selecionam o nominalizador marcado *-mento*.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, definimos a noção de produtividade morfológica (cf. Aronoff, 1976; Bauer, 2001); na seção 3, discutimos nossos resultados quantitativos diacrônicos; e, na seção 4, propomos uma interpretação teórica dos resultados.

2 Sobre produtividade morfológica

Consulting a dictionary [...] is the closest we can come to the lexicon of a speaker's language.
(Aronoff, 1976, p. 116)

O termo *produtividade* é amplamente utilizado em estudos de morfologia derivacional (Aronoff, 1976, p. 34). Hockett (1958, p. 575 *apud* Bauer, 2001) denomina de 'produtividade' a propriedade da língua que nos permite dizer coisas que nunca foram ditas antes. Para alguns autores, um processo morfológico é produtivo ou não (Booij, 1977); já para outros, existem diferentes graus de produtividade. Por exemplo, para Dik (1967), um processo morfológico é plenamente produtivo se este se aplica a uma classe aberta de bases e todos os possíveis *outputs* são aceitos pelos falantes nativos; e semiprodutivo se este se aplica a uma classe aberta de bases e somente determinados *outputs* são aceitos pelos falantes nativos. Se a classe de bases é fechada (i.e., se é possível listar as bases apropriadas) a formação é improdutiva.

Rainer (1978 *apud* Bauer, 2001) afirma que, em geral, as definições de produtividade disponíveis na literatura levam em consideração: (i) a frequência de palavras formadas (*outputs*);

(ii) o número de bases disponíveis (*inputs*); (iii) a proporção de palavras potencialmente criadas por um processo particular; (iv) a possibilidade de formação de novas palavras; (v) a probabilidade de novas formas ocorrerem; (vi) o número de novas formas que ocorrem em um determinado período de tempo.

Segundo Aronoff e Lindsay (2014), a linguística moderna tem se pautado, de maneira bastante bem-sucedida, no entendimento de que línguas são sistemas, cujos padrões são, em geral, tidos como discretos. Contudo, a morfologia e os estudos de produtividade morfológica têm representado um desafio para qualquer teoria de linguagem que foca em regularidade e discrição (*discreteness*). No âmbito da morfologia flexional, por exemplo, diversos autores (Aronoff, 1976; Aronoff; Anshen; 1998; entre outros) buscam integrar fenômenos regulares e irregulares, explorando a ideia de que itens irregulares, listados no léxico, poderiam *bloquear* suas contrapartes regulares. Por exemplo, em inglês, o passado irregular do verbo ‘cantar’ *sang* bloquearia a forma regular **singed*, que seria produto da aplicação da regra *default* de passado que adiciona o sufixo *-ed* aos verbos. Regras *default* são altamente produtivas, uma vez que se aplicam amplamente a diversos ambientes, com exceção daqueles domínios cobertos por regras de escopo limitado.

No que concerne aos processos derivacionais de formação de palavras, um trabalho fundamental que discute questões de produtividade relativa de sufixos concorrentes em inglês é o de Aronoff (1976). Nesse estudo, o autor define a competição de sufixos concorrentes também em termos de *bloqueio*, sugerindo que a não ocorrência de uma determinada forma se deve a simples existência de outra (Aronoff, 1976, p. 43). Nesse sentido, bloqueio seria uma propriedade discreta (cf. Aronoff; Lindsay, 2014). Contudo, pesquisas mais recentes têm mostrado que existem interações sutis que são dificilmente capturadas em termos discretos: considerando a rivalidade entre pares (ou conjuntos) de afixos, e não somente entre pares de palavras, é possível verificar que, quando uma palavra bloqueia a outra, a palavra ‘bloqueada’ pode ainda ocorrer com um sentido distinto, que não seria o normalmente atribuído a ela, caso ela não exibisse uma forma concorrente. Os autores concluem, dessa forma, que a tentativa de conceituação da produtividade nos processos de formação de palavras em termos discretos tem se mostrado infrutífera. Contudo, progressos têm sido alcançados quando a produtividade é abordada em termos de gradações, a partir do uso de métodos quantitativos.

3 Variação diacrônica na produtividade de *-ção* e *-mento*

Neste estudo piloto, buscamos seguir os procedimentos sugeridos por autores (como Bauer, 1983, 2001; Aronoff; Anshen, 1998, entre outros) que estudaram diacronicamente questões de produtividade morfológica a partir do uso de dicionários. A nossa intenção aqui é traçar um percurso preliminar da variação diacrônica ocorrida no padrão de produtividade dos sufixos *-ção* e *-mento*. Como mencionamos anteriormente, esses sufixos são considerados os nominalizadores mais produtivos sincronicamente (Sandmann, 1988; Basilio, 1996, 2004, entre outros). Contudo, nos interessava rastrear essa produtividade ao longo do tempo, de modo a verificar os padrões diferenciais que esses morfemas porventura exibissem. Adicionalmente, iremos confrontar os nossos resultados com os resultados de Tang e Nevins (2013), no que se refere ao aumento do vocabulário verbal e a produtividade das conjugações verbais *-ar*, *-er* e *-ir* em português, espanhol e italiano.

3.1 Pergunta de pesquisa e hipótese

A hipótese que pretendemos investigar é que o crescimento da produtividade da conjugação *-ar*, em detrimento das conjugações em *-er* e *-ir*, teve implicação sobre a produtividade dos sufixos *-ção* e *-mento*, uma vez que atestamos em estudos anteriores (Freitas, 2014; 2024 no prelo) que a classe temática é fator condicionante na seleção destes morfemas. Assim, a expectativa seria de que o aumento na produtividade da classe em *-ar*, a partir principalmente da segunda metade do século XVIII, pudesse favorecer a produtividade do sufixo *-ção*. Assim, a hipótese que estávamos testando era:

Hipótese – Variação diacrônica da produtividade de *-ção* e *-mento*:

*A produtividade do sufixo *-ção* é incrementada a partir do século XVIII, quando é observado um aumento do vocabulário verbal e da produtividade da primeira conjugação.*

3.2 Metodologia

Para realizarmos este estudo, utilizamos a versão eletrônica 1.0 do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Nesse dicionário, as entradas lexicais contam, em geral, com informações etimológicas e a datação do primeiro registro escrito da palavra, além de definições e sinônimos. Contudo, não são todas as entradas que dispõem de informação sobre a datação. Além disso, as datações variam de registro: algumas indicam o ano exato (e.g. 1789, 1836, etc.); outras indicam períodos de tempo (e.g. 1847-1881, etc.) e outras indicam o século (e.g. s XIII, s XVII, etc.).²

No dicionário eletrônico *Houaiss da Língua Portuguesa*, existem 4580 palavras que apresentam o sufixo *-ção* e 2772 palavras que apresentam o sufixo *-mento* (totalizando 7352 palavras). A partir desse total de palavras, geramos uma amostra aleatória composta de 2715 palavras (1045 formadas por *-mento* e 1670 formadas por *-ção*), que corresponde a 37% de universo. Dessa amostra, excluímos as palavras que não eram derivadas de bases verbais (*fragmento*, *argumento*, *cupim-cabeção*, *vegetação*, etc.) Os casos excluídos resultaram em um total de 540 palavras. Na Tabela 1, a seguir, vemos a distribuição dos casos selecionados na amostra.

Tabela 1. Distribuição dos casos selecionados.

Sufixos	N	%
<i>mento</i>	941	43,3
<i>ção</i>	1234	56,7
Total	2175	100,0

Fonte: Freitas (2014).

² As palavras que analisamos neste estudo compunham uma base de dados (Freitas, 2014) previamente elaborada e tratada. Decidimos trabalhar com essas palavras por dois motivos: primeiro, porque queríamos garantir a aleatoriedade da amostra; e segundo, porque queríamos focar nas palavras formadas por *-ção* e *-mento* que atestadamente fossem derivadas de contextos verbais.

Das 2175 palavras presentes em nossa base de dados, encontramos no dicionário a datação de apenas 1064 palavras (699 palavras com *-ção* e 365 palavras com *-mento*), o que representa 48,9% do total das palavras investigadas. Como mencionamos, as datações apresentavam diferenças de registro (ano, período e século), por isso, padronizamos todas as datações por século. Desse modo, criamos uma variável *século* cuja função era a de padronizar as informações disponíveis na variável datação. Além dessas duas variáveis relativas aos períodos temporais, mantivemos também a variável *sufixo*, que indica se a palavra é formada por *-ção* ou *-mento*. O tratamento da base de dados foi realizado em *Excel* e, em seguida, exportamos a base tratada ao *software SPSS Statistics Data Editor*, no qual extraímos os resultados. Na próxima seção, discutiremos os resultados descritivos da base de dados.

3.3 Resultados

Nesta seção, apresentaremos os principais resultados da análise de estatística descritiva que fizemos da base de dados. Como tínhamos a intenção de traçar um percurso preliminar dos padrões de produtividade dos sufixos *-ção* e *-mento* paralelamente, analisamos os dois sufixos em conjunto, a partir do cruzamento da variável sufixo e da variável século. Os resultados descritivos³ desse cruzamento podem ser verificados na Tabela 2 e na Figura 1 a seguir.

Tabela 2. Distribuição das palavras em *-ção* e *-mento* por século.

Século	Século		Total	
	<i>ção</i>	<i>mento</i>		
X	N	1	0	1
	% em Séc.	100,0%	0%	100,0%
XII	N	2	0	2
	% em Séc.	100,0%	0%	100,0%
XIII	N	18	29	47
	% em Séc.	38,3%	61,7%	100,0%
XIV	N	35	50	85
	% em Séc.	41,2%	58,8%	100,0%
XV	N	65	77	142
	% em Séc.	45,8%	54,2%	100,0%
XVI	N	65	18	83
	% em Séc.	78,3%	21,7%	100,0%
XVII	N	77	21	98
	% em Séc.	78,6%	21,4%	100,0%
XVIII	N	99	26	125
	% em Séc.	79,2%	20,8%	100,0%
XIX	N	239	93	332
	% em Séc.	72,0%	28,0%	100,0%
XX	N	98	51	149
	% em Séc.	65,8%	34,2%	100,0%
Total	N	699	365	1064
	% em Séc.	65,7%	34,3%	100,0%

Fonte: elaborada pela autora.

³ Não incluímos testes de inferência estatística para esse cruzamento, em virtude das características das variáveis, que exibem células com menos de cinco casos.

Como mencionamos anteriormente, é atestado para o português (cf. Tang; Nevins, 2013) que houve um aumento do vocabulário verbal, bem como da produtividade da conjugação *-ar*, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII. Assim, é interessante observar na Tabela 4 que até o século XV (especialmente após o século XIII) havia mais formas com o sufixo *-mento*. Contudo, essa tendência se inverte a partir do século XVI, podendo ser observado um aumento substancial das formas em *-ção*, com um pico de crescimento no século XIX. Essas tendências podem ser observadas na Figura 1 abaixo.

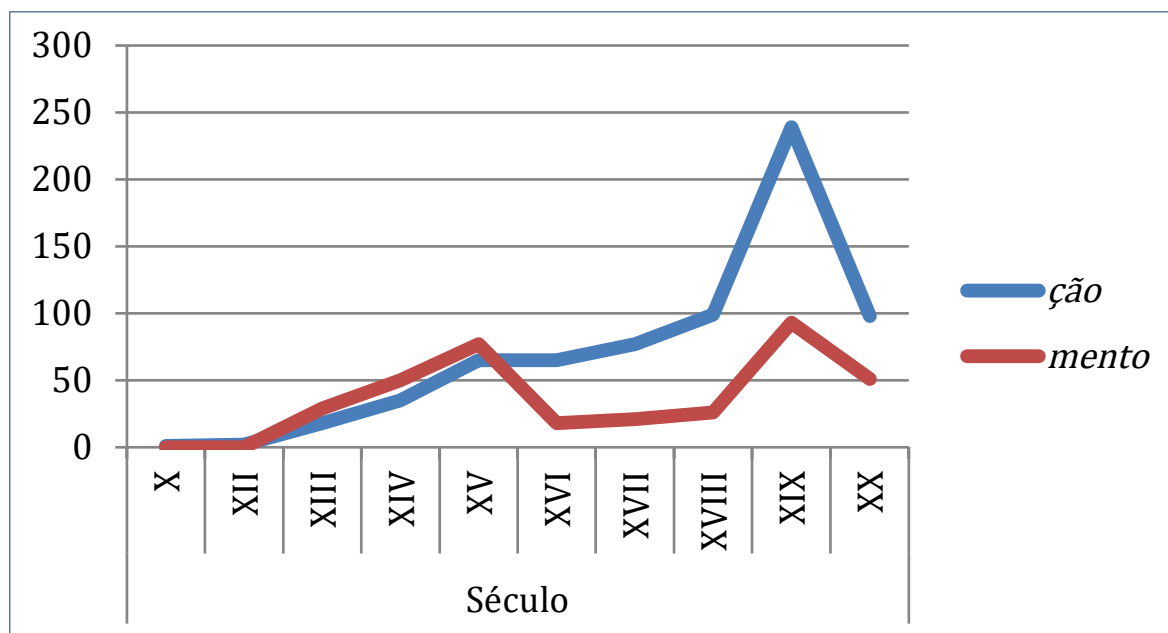


Figura 1. Gráfico da distribuição das palavras em *-ção* e *-mento* por século.
Fonte: elaborado pela autora.

3.4 Interpretando os resultados

Tang e Nevins (2013) discutem a perda da produtividade do padrão morfológico em L, em português, italiano e espanhol, em um estudo diacrônico de *corpora*. Em diversas línguas românicas, existem verbos que exibem um padrão morfológico em que há uma relação entre a primeira pessoa singular do indicativo e as formas do subjuntivo. Os autores apresentam dois principais resultados da investigação: (i) houve um aumento no tamanho do vocabulário verbal em português, espanhol e italiano, com destaque para o período por volta de 1750, que coincide com o início da revolução industrial na Europa, em que todas as três línguas exibiram um pico de crescimento; e (ii) nas três línguas foi observado um aumento da produtividade da conjugação em *-ar*, em detrimento das outras duas conjugações em *-er* e *-ir*. Estes dois resultados se mostraram correlacionados, indicando que o aumento da produtividade dos verbos em *-ar* coincide com o aumento no tamanho do vocabulário verbal nas três línguas. Isto significa que se um verbo novo entra na língua, ele é provavelmente alocado na primeira conjugação. Uma consequência deste fato é o obscurecimento de padrões irregulares pertencentes às classes temáticas II e III, como o padrão em L analisado pelos autores.

No que se refere aos sufixos estudados neste artigo, nossos resultados apontaram para um aumento da produtividade do sufixo *-ção* a partir do século XVI, com um pico de crescimento no século XIX. O sufixo *-mento*, por outro lado, apresentava mais formas até o XV (em relação ao sufixo *-ção*) mas, entre o século XVI e XVIII, exibe uma diminuição em sua produtividade, que é retomada apenas no século XIX. Contudo, mesmo com esse crescimento observado nesse período, o padrão de produtividade do sufixo *-mento* se mostra aquém daquele exibido pelo sufixo *-ção*.

Esses resultados coincidem de maneira interessante com os resultados de Tang e Nevins (2013). Em outros trabalhos (Freitas, 2014; 2024 *no prelo*), atestamos, tanto em uma análise quantitativa do léxico quanto em dados experimentais, que a classe temática da base verbal é um importante fator que condiciona a seleção dos sufixos *-ção* e *-mento*. Na análise quantitativa lexical, averiguamos que os verbos em *-ar* e em *-ir* selecionam preferencialmente o sufixo *-ção*, ao passo que os verbos em *-er*, selecionam preferencialmente o sufixo *-mento*. Por outro lado, os nossos resultados experimentais evidenciaram que, sincronicamente, tanto os verbos em *-er* quanto os verbos em *-ir* selecionam preferencialmente o sufixo *-mento*, enquanto os verbos em *-ar* selecionam o sufixo *-ção*.

Desse modo, a primeira relação que podemos estabelecer seria entre o aumento da produtividade da conjugação *-ar* e o aumento da produtividade do sufixo *-ção*. Em ambos os casos, é notado um crescimento na produtividade a partir do século XVI. Além disso, é interessante salientar que, no caso da conjugação *-ar* houve um pico de crescimento da produtividade a partir do período entre 1750-1774 (cf. Tang; Nevins, 2013), i.e., final do século XVIII. Em relação ao sufixo *-ção*, o pico de crescimento da produtividade do sufixo *-ção* ocorreu no século XIX, conforme localizamos em nossos resultados. Evidentemente, se houve um aumento considerável no número alvos/bases que favorecem a escolha do sufixo *-ção*, é compreensível que tenha havido um aumento na produtividade deste processo morfológico.

Isto se assemelha aos fatos relativos às mudanças nos padrões de produtividade dos sufixos latinos *-ity* e *-ment* em inglês, discutidos por Anshen e Aronoff (1999). Os autores apontam que as diferenças nos padrões de produtividade desses sufixos se relacionam ao número de possíveis bases que, em um determinado período, passam a entrar na língua (adjetivos no caso de *-ity*; e verbos no caso de *-ment*).

Como salientam Tang e Nevins (2013), o aumento da produtividade de *-ar* obscureceu processos irregulares salientes nas conjugações *-er* e *-ir*. Tendo em vista esses resultados, é possível aventarmos a hipótese de que esse ‘achatamento’ sofrido pela segunda e terceira conjugações, em virtude do crescimento de produtividade e consequente aumento de vocabulário da primeira conjugação, desencadeou a neutralização entre essas duas classes temáticas, que se tornaram marcadas ao longo do tempo, em oposição à classe não marcada ou *default* em *-ar*.

Desse modo, uma segunda relação que nos parece possível de estabelecer seria a implicação que essa questão parece ter tido também sobre a mudança que observamos do padrão lexical para os dados experimentais e sincrônicos (Freitas, 2014; 2014 *no prelo*): a conjugação *-ir* deixa de selecionar preferencialmente o sufixo *-ção* e passa a selecionar preferencialmente o sufixo *-mento*. Podemos argumentar que, em virtude da neutralização ocorrida entre as classes II e III, processos morfológicos variados presentes em ambas as conjugações passaram a exibir comportamentos convergentes, resultando na indistinção dessas classes temáticas. Como, *a priori*, o sufixo *-mento* apresentava a tendência lexical de ocorrer com a classe marcada *-er*,

e o sufixo *-ção* era preferido pela classe não-marcada *-ar*, ao fim do processo de neutralização, o sufixo *-ção* se manteve como o morfema nominalizador preferido da classe *default* e o sufixo *-mento* passou a compor a contraparte marcada, ou seja, se tornou o sufixo selecionado das classes neutralizadas *-er/-ir*. Na Figura 2 apresentamos esquematicamente, a seguir, a aplicação do processo de neutralização sobre as classes temáticas verbais, que resulta na mudança de seleção dos sufixos nominalizadores.

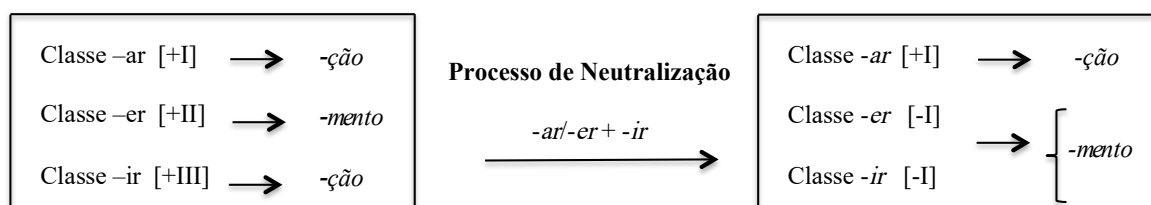


Figura 2. Processo de neutralização das classes temáticas II e III.

Fonte: Elaborada pela autora.

Uma questão que poderia ser levantada seria a de por que o sufixo *-mento* não deixou de ser produtivo em português, como aconteceu no inglês e no francês com sufixo *-ment*, uma vez que as condições foram mais favoráveis ao sufixo concorrente *-ção*? Este parece ser o mesmo mistério que acompanha também os sufixos concorrentes *-ity* e *-ness*⁴ em inglês, que disputam o mesmo ‘nicho’ (cf. Aronoff; Anshen; 1998) na língua há quase um milênio e ambos sobrevivem produtivamente. No caso do português, de fato, o sufixo *-ção* parece ser o nominalizador *default*, sendo amplamente aplicado a diversas bases verbais (inclusive pela relação de preferência que estabelece com a classe *-ar*, que é a mais numerosa e produtiva). Contudo, existem outros fatores que condicionam a seleção de um ou outro sufixo, como os semânticos (e.g. leitura eventiva vs. resultativa) e os sintáticos. Em relação a esses últimos, evidenciamos em Freitas (2014; 2024 no prelo), que o tipo de estrutura argumental dos verbos base também atua de maneira crucial na seleção desses afixos. Atestamos, tanto no léxico quanto experimentalmente, que verbos *inacusativos* selecionam preferencialmente o sufixo *-mento*. Assim, é possível dizer que esse sufixo exibe uma especialização sintática, ou seja, há um contexto sintático que favorece prioritariamente a aplicação desse morfema. Nos demais contextos, i.e. com outros tipos de estruturas argumentais, o sufixo *default* *-ção* será priorizado.

Dessa maneira, a distinção fundamental que parece se estabelecer entre esses sufixos nominalizadores se relaciona ao conceito de marcação: o sufixo *-ção* é o nominalizador não-marcado, que ocorre amplamente em domínios morfológicos diversos, sendo alimentado por fatores fonológicos (preferencialmente selecionado pela classe produtiva em *-ar*) e sintáticos (ocorre com diferentes classes verbais, como as dos verbos transitivos, bitransitivos e inergativos) bastante produtivos. Já o sufixo *-mento* apresenta maiores restrições contextuais, exibindo

⁴ Embora ambos afixos formem nomes a partir de adjetivos, com significados, em geral, semelhantes, *-ness* é amplamente o sufixo *default* (Aronoff; Lindsay, 2014), podendo ser aplicado a uma enorme gama de domínios adjetivais, sem apresentar restrições morfológicas; já *-ity* exibe mais restrições morfológicas (e.g. *-ity* não pode ser concatenado à bases que terminam *-ant* e *-ent*), sendo, por isso, não tão produtivo quanto o seu concorrente.

especialização fonológica (ocorre prioritariamente com as classes marcadas *-er/-ir*) e sintática (ocorre prioritariamente com verbos inacusativos). Essa distinção esclarece por que o sufixo *-mento*, embora não seja tão produtivo como seu concorrente *-ção*, permanece ativo na língua com um escopo marcado de atuação.

4 Proposta Teórica

Assumindo a arquitetura de gramática proposta pela MD (Halle; Marantz, 1993,1994; Embick, 2010), compreendemos a sintaxe como um componente gerativo, que manipula feixes de traços abstratos, no qual se desenvolvem tanto os processos derivacionais de formação de palavras, quanto os processos flexionais que resultam da interação de concordância que se estabelece entre os núcleos funcionais e elementos argumentais. Nesse componente, as operações sintáticas estão sujeitas a restrições de localidade impostas pelo caráter cíclico da derivação sintática. Os objetos sintáticos, resultantes das operações sintáticas, são enviados ciclicamente aos componentes de interface (fonológico e semântico) para serem processados e interpretados. Um pressuposto importante para a MD é o de que os traços abstratos manipulados pela sintaxe são supridos de material fonológico tardiamente, por meio da operação denominada de *inserção vocabular*, que ocorre no componente fonológico.

Tendo em vista esse modelo, propomos (cf. Freitas, 2024 no prelo) que a formação do nome deverbal acontece na sintaxe, por meio da concatenação de raízes a núcleos funcionais cíclicos, que atribuem mudança categorial. Além dos núcleos cíclicos, a estrutura do nome deverbal apresenta também um núcleo aspectual não-cíclico que fornece informações de processo, resultado, etc. Primeiramente, a raiz inserida na sintaxe é concatenada a um núcleo *v*, que verbaliza a raiz e, posteriormente, esse objeto é concatenado a um núcleo *n* que nominaliza a estrutura. Devido ao caráter cíclico da derivação sintática, quando um núcleo cíclico entra na derivação e é concatenado à estrutura, o material cíclico presente na posição de complemento é enviado ao componente fonológico para ser processado (no caso das raízes) e/ou sujeito à inserção vocabular (no caso de morfemas abstratos).

Aqui, gostaríamos de fazer uma articulação desta proposta, especialmente no que se refere às classes temáticas, com a noção de marcação. Este conceito está presente na linguística desde a sua formulação inaugural em 1921 por Roman Jakobson, como uma importante articulação tanto para as teorias que trabalham com significado e enunciação, quanto para as teorias formalistas (cf. Andrews, 1990).

Em fonologia, a oposição marcado/não-marcado é uma distinção fundamental, desde as abordagens estruturalistas, especialmente as da Escola de Praga (Trubetzkoy, 1931 e outros), como para a Fonologia Gerativa Padrão (Chomsky; Halle, 1968). Segundo Hooper (1976, p. 136 *apud* Andrews, 1990) o termo não-marcado em fonologia representa o que é mais natural, enquanto o termo marcado se relaciona aos fenômenos menos naturais.

Os traços fonológicos distintivos definem a relação de marcado/não-marcado de maneira diferente dos traços morfológicos (cf. Andrews, 1990). Na fonologia, um dado traço está presente ou ausente em uma classe particular de fonemas, assim, a oposição é *privativa*. Em morfologia, por outro lado, o termo marcado implica necessariamente a presença de um elemento, enquanto o termo não-marcado significa que o elemento pode ou não estar presente, sendo apenas não especificado.

4.1 Hipótese e formalização

Tendo em vista as considerações supramencionadas e os resultados apresentados na seção anterior, formulamos a seguinte hipótese teórica:

Hipótese Teórica

A relação de preferência observada entre as classes temáticas verbais e os sufixos nominalizadores -ção e -mento é condicionada por um critério de marcação.

Um trabalho interessante no quadro da MD, que considera questões relacionadas à teoria da marcação, é a proposta de Oltra-Massuet (1999) sobre a organização interna do sistema verbal do Catalão. As diferentes conjugações, i.e. os expoentes fonológicos das conjugações são analisados como feixes de traços binários, como é apresentado na estrutura em (2). Essa proposta é denominada de hierarquia de marcação da vogal temática (*Theme vowel marked hierarchy*), como mostra a Figura 3.

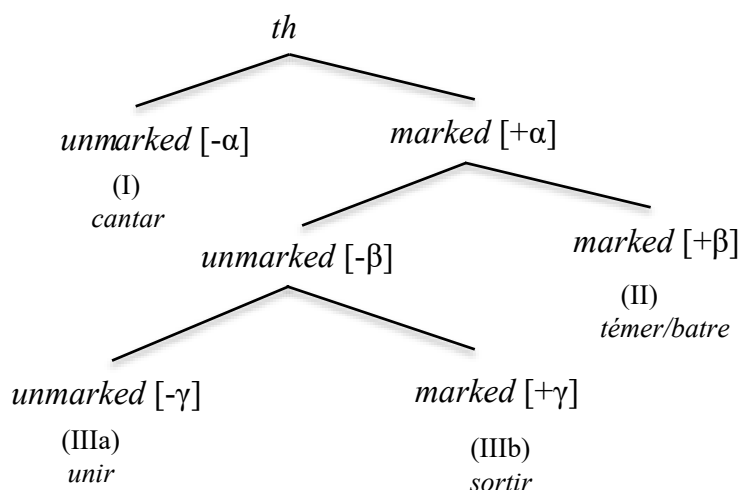


Figura 3. Hierarquia de marcação da vogal temática (Oltra-Massuet, 1999).

Esta proposta de hierarquia de marcação pretende capturar a organização interna do sistema verbal e, em particular, a complexa alomorfa exibida pelas vogais temáticas. Em Catalão, a escolha de um determinado alomorfe temático é condicionada pelos sufixos de tempo e concordância que o seguem. Para Oltra-Massuet (1999), assim como para Embick (2010), os morfemas temáticos são requerimentos de boa formação morfológica exigidos por todos os núcleos funcionais *F*, cujas posições são adicionadas pós-sintaticamente no componente morfológico.

A proposta de Oltra-Massuet (1999) fornece *insights* interessantes sobre uma possível classificação das vogais em termos de uma teoria de marcação. Considerando as classes temáticas verbais em PB, atestamos evidências tanto sincrônicas (a distribuição em termos numéricos encontrada no léxico, cf. Freitas, 2014) quanto diacrônicas, de que existe um contraste claro entre a classe I em *-ar* (mais numerosa e produtiva) e as classes II em *-er* e III em *-ir*, que tendem

a se comportar de maneira neutralizada. Tendo em vista essas questões, é possível propormos a seguinte estrutura de organização das vogais temáticas (Figura 4), em termos de marcação.

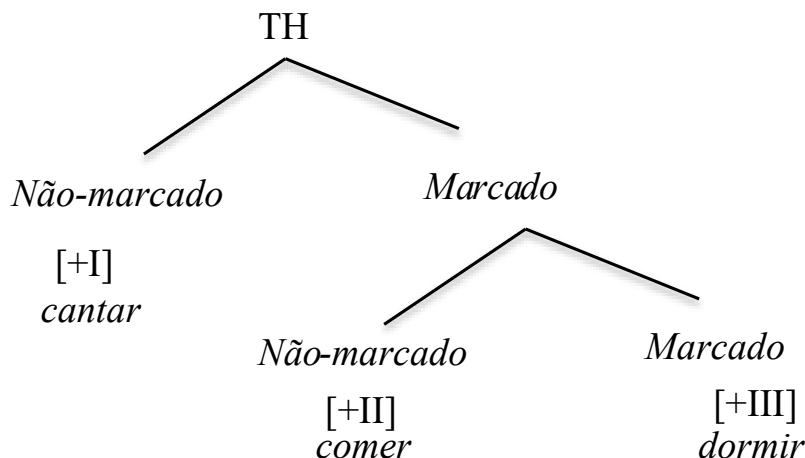


Figura 4. Proposta de organização das vogais temáticas do PB.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Argumentos adicionais para a proposta

Em virtude de sua produtividade e do tamanho de seu vocabulário (13.011 verbos, o que representa 89,2% dos verbos listados no dicionário *Houaiss*), a conjugação *-ar* é, sem dúvida, a classe temática não-marcada em PB. No grupo das classes marcadas, ambas exibem um tamanho de vocabulário similar (788 verbos em *-er* e 742 verbos em *-ir* segundo o dicionário *Houaiss*)⁵, bastante reduzidos em relação à primeira conjugação, e ambas tendem apresentar mais irregularidades. Contudo, a classe em *-ir* parece ser a que exibe o maior número de idiossincrasias, por exemplo, os verbos defectivos⁶, em sua grande maioria, pertencem a essa classe (e.g. *latir*, *banir*, *balir*, *abolir*, *parir*, *imersir*, *explodir*, *grunhir*, etc.). A vogal temática *-i-* é a que permanece em mais ambientes (inclusive nos deverbais), em oposição à vogal *default -a-* (e.g. *-ável/ível*; *-ado/-ido*).

Além disso, as duas classes marcadas exibem ainda determinados sincretismos morfológicos: (i) A forma de primeira pessoa singular do pretérito perfeito é $\{-i\}$ (e.g. *comer/comi*; *dormir/dormi*); (ii) a forma do presente do subjuntivo é $\{-a\}$ para a segunda e terceira conjugações e $\{-e\}$ para a primeira conjugação. É interessante notar que há na formação do subjuntivo uma complementaridade: as classes marcadas formam o subjuntivo com a vogal não marcada *-a* e a classe não marcada seleciona a vogal *-e*, que representa a subparte não-marcada das classes temáticas marcadas.

Se considerarmos os resultados de Tang e Nevins (2013), podemos compreender esse contraste entre a classe *-ar* versus as classes *-er/-ir* como resultado de uma mudança linguística

⁵ Segundo o dicionário *Houaiss*, a quarta classe temática em *-or* conta com apenas 40 verbos (i.e. 0,3%). Por ser extremamente residual, não iremos considerá-la em nossa análise.

⁶ Os verbos defectivos não apresentam a primeira pessoa do presente do indicativo e, conseqüentemente, não apresentam nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo e do imperativo que dela derivam. Para uma discussão recente sobre o tema, veja Nevins, Damulakis e Freitas (2014).

diacrônica iniciada no século XVI em português, empreendida pelo aumento do vocabulário verbal e da produtividade da conjugação *-ar* que se torna, ao longo do tempo e especialmente no período por volta de 1750, a classe temática que quase exclusivamente aloca novos verbos na língua.

A organização em termos de marcação possibilita, a nosso ver, a compreensão do comportamento que as classes temáticas exibem também nos contextos deverbais. Como argumentamos, existe uma regra na língua que neutraliza as classes II e III nos contextos não verbais, que tendem a se comportar de maneira bastante convergente. Tendo em vista a estrutura em (4), é possível dizer que, nos contextos deverbais, o sistema tripartido de classes temáticas verbais é reanalisado em termos da oposição marcado/não-marcado, de tal forma que as classes marcadas funcionam conjuntamente.

Uma evidência disso é a mudança que observamos com relação à seleção preferencial da classe *-ir* (cf. Freitas, 2014): na análise descritiva do léxico, esta classe exibiu uma preferência pelo sufixo *-ção*; contudo, na análise dos dados experimentais (Freitas, 2024, no prelo), notamos uma preferência pelo sufixo *-mento*. É interessante notar que, sincronicamente, as classes em *-ir* e em *-er* convergem na seleção prioritária do mesmo sufixo nominalizador. E mais, nos nomes em *-mento* averiguamos o alteamento categórico da vogal temática *-e-* para [i], gerando uma completa neutralização entre essas duas classes. Em nossa proposta teórica, esse processo resulta da aplicação de uma regra na língua que, em contextos nominais, permite a realização de apenas duas vogais temáticas verbais: a não marcada *-a-* e a marcada *-i-*.

4.3 Em síntese

Finalmente, como apontamos anteriormente, é possível argumentarmos que a relação de preferência observada entre as classes temáticas e os sufixos nominalizadores estudados também se estabelece por critérios de marcação. O sufixo *-ção* é o nominalizador mais produtivo e que exibe menos restrições morfológicas e sintáticas de ocorrência, sendo, portanto, não-marcado. Já o sufixo *-mento* não é tão produtivo como o seu concorrente e, em virtude de apresentar maiores restrições contextuais (morfológicas e sintáticas), pode ser considerado mais marcado. Interessantemente, estes sufixos se alinham, em critérios de marcação, com as classes temáticas que preferencialmente os selecionam, como mostra o esquema abaixo. Apresentamos, na próxima seção, as considerações finais deste trabalho.

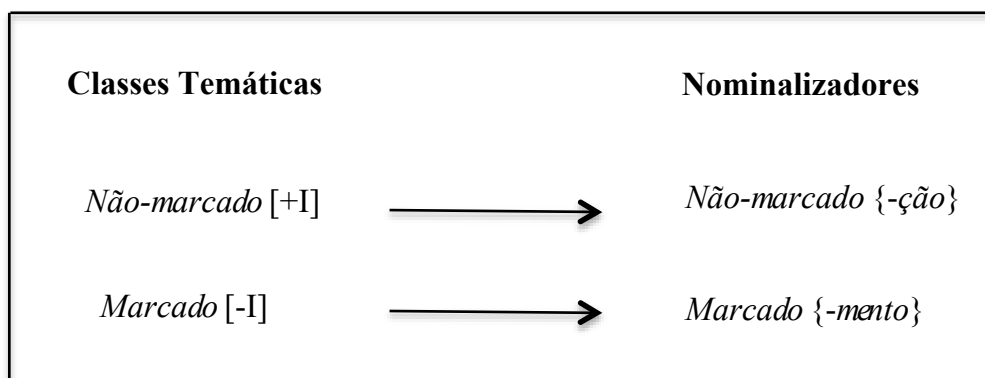


Figura 5. Relação de preferência em termos de marcação.
Fonte: Elaborado pela autora.

5 Considerações finais

Nossos resultados mostraram que até o século XV havia mais formas com o sufixo *-mento*. Contudo, essa tendência se inverte a partir do século XVI, havendo um aumento robusto das formas em *-ção*, com um pico de crescimento no século XIX. Argumentamos que esses resultados se alinham, de maneira interessante, com o estudo diacrônico de *corpora* de Tang e Nevins (2013) sobre o aumento do vocabulário verbal e da produtividade da primeira conjugação em português, italiano e espanhol. A hipótese que aventamos é que o aumento massivo do vocabulário da primeira conjugação teve uma implicação positiva no aumento de produtividade do sufixo *-ção*, uma vez que houve uma ampliação significativa no número de alvos/bases relevantes para aplicação desse processo morfológico.

Finalmente, propusemos uma interpretação teórica em termos de uma hierarquia de marcação para as classes temáticas verbais do PB. A nossa proposta sugere que a primeira conjugação pode ser compreendida como a classe temática não marcada, em virtude tanto de sua produtividade como do tamanho de seu vocabulário. Por outro lado, a segunda e terceira conjugações podem ser consideradas classes marcadas, uma vez que exibem um tamanho reduzido de vocabulário (em relação à primeira conjugação) e apresentam muitas formas irregulares e idiossincráticas. Além disso, essas duas classes tendem a se comportar de maneira convergente e sincrética em diversos processos morfológicos.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, E. *Markedness theory: the union of asymmetry and semiosis in language*. Durham: Duke University Press, 1990.
- ARONOFF, M. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.
- ARONOFF, M.; ANSHEN, F. Morphology and the lexicon: Lexicalization and productivity. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (ed.) *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 236-247.
- ARONOFF, M.; LINDSAY, M. Productivity, blocking, and lexicalization. In: Lieber, R.; Štekauer, P. (ed.) *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 67-83.
- BASÍLIO, M. Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do Português Falado*. Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. IV.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAUER, L. *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BAUER, L. *Morphological productivity*. Cambridge Studies in Linguistics 95. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BOOIJ, G. E. *Dutch Morphology: A Study of Word Formation in Generative Grammar*. Dordrecht: Foris, 1977.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- DIK, S.C. Some critical remarks on the treatment of morphological structure in transformational generative grammar. *Lingua*, v. 18, p. 352-383, 1967.

- EMBICK, D. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- FREITAS, M. L. Two nominalizing suffixes in Brazilian Portuguese: locality constraints in morphophonological realization. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 56, n. 1, 87-113, 2014.
- FREITAS, M. L. Estudo experimental sobre os nominalizadores -ção e -mento. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 2024 [no prelo].
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of distributed morphology. *MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on phonology and morphology*. Cambridge: MIT Press. 1994. p. 275-288.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. [CD-ROM].
- JAKOBSON, R. The Structure of the Russian Verb. In: JAKOBSON, R. *Russian and Slavic Grammar Studies, 1931–1981*. Berlim: Mouton, 1984. p. 1-14.
- MARONEZE, B. *Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- NEVINS, A.; DAMULAKIS, G.; FREITAS, M.L. Phonological regularities among defective verbs. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 56, n. 1, p. 11-21, 2014.
- OITICICA, J. *Manual de análise (léxica e sintática)*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1955.
- OLTRA-MASSUET, I. *On the notion of theme vowel: A New Approach to Catalan Verbal Morphology*. Thesis (Master of Languages and Linguistics). Cambridge: MIT, 1999.
- OLIVEIRA, S. M. Os sufixos nominalizadores -ção e -mento. *Estudos Linguísticos* v. 36, n. 1, p. 87-96, 2007.
- ROCHA, L. C. A. A nominalização no português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 5-52, 1999.
- SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Editora da UFPR; Ícone Editora, 1988.
- TANG, K.; NEVINS, A. Quantifying the Diachronic Productivity of Irregular Verbal Patterns in Romance. *UCL Working Papers in Linguistics*, v. 25, p. 289-308, 2013.
- TRUBETZKOY, N. Phonologie et géographie linguistique. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, v. 4, p. 228-234, 1931.